

O CASO AIMÉE E A CAUSALIDADE PSÍQUICA

Andréa Hortélio Fernandes

Psicanalista, bolsista
de Desenvolvimento
Científico Regional
(CNPq) no
Departamento de
Psicologia da
UFBA.

RESUMO O artigo discute as formulações acerca da causalidade psíquica nos primórdios da obra de Jacques Lacan. Com base na análise do caso Aimée, presente na tese de psiquiatria de Lacan, busca demonstrar como a hipótese de uma origem social nos mecanismos psíquicos de autopunição da paranóia permite a Lacan articular, alguns anos depois, identificação e causalidade psíquica.

Palavras-chave: identificação, causalidade psíquica, origem social, autopunição, psicanálise.

ABSTRACT The case of Aimée and psychic causality. The article discusses the formulations about psychic causality in Lacan's early work. Based on the analysis of the Aimée case of Lacan's psychiatric thesis, it tries to demonstrate how the hypothesis of social origin in the psychic mechanisms of self-punishment present in the paranoia, make it possible for Lacan to articulate, years later, identification and psychic causality.

Keywords: identification, psychic causality, social origin, self-punishment, psychoanalysis.

Lacan, em 1946, estabelece uma articulação entre a causalidade psíquica e a identificação. No entanto, é possível encontrar as bases desta formulação lacaniana já na tese de psiquiatria defendida 14 anos antes. Vislumbra-se então que Lacan desdobra certos aspectos clínicos da sua pesquisa sobre a origem social dos mecanismos psíquicos de autopunição da paranóia e, assim, formula a causalidade psíquica em termos de identificação, pondo em destaque a função da imagem. Desse modo, é possível supor que este tempo propiciou a Lacan elaborar alguns conceitos utilizados no seu trabalho acadêmico. Tais conjecturas convidam a uma análise retrospectiva deste período, como forma de esclarecer a relação entre causalidade psíquica e identificação nos primórdios da teorização lacaniana.

Logo, é preciso voltar a 1932, ano em que o jovem psiquiatra Jacques Lacan apresenta a uma banca presidida por Henri Claude sua tese intitulada: “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”. Nesta ocasião, ele declara que a originalidade da tese encontra-se no fato de, pela primeira vez, na França, buscar-se uma interpretação exaustiva dos fenômenos mentais de um delírio em função da história concreta do sujeito. De acordo com Leguil, as primeiras reflexões clínicas e teóricas de Lacan estão sob a influência de Karl Jaspers (LEGUIL, 1989); cabe então examinar a que Lacan se refere quando fala em “história concreta do sujeito”.

Constata-se que a historicidade está veiculada ao acompanhamento, durante um ano e meio, de uma paciente que ele chamou de Aimée. É com base neste trabalho que Lacan constrói a tese segundo a qual a natureza da cura demonstraria a natureza da doença. É importante pontuar que o termo “cura” é utilizado no seu valor clínico de redução de todos os sintomas mórbidos. Desse modo, o fato de a paciente, cerca de vinte dias após ter cometido um atentado contra a atriz Huguette ex-Duflos, não apresentar nenhum delírio focaliza a problemática do estudo.

Inicialmente, Lacan tenta resolver o enigma do desaparecimento do delírio em Aimée, pensando no mesmo como sendo um delírio passional. Neste quadro, a realização da obsessão assassina, através do assassinato, faz-se acompanhar pela queda imediata de toda a convicção delirante do agressor. Porém, isso não acontece no caso em questão. A agressão deferida por Aimée provoca um ferimento na mão da atriz e Aimée não demonstra nenhuma satisfação especial pela evolução favorável da sua vítima. A situação delirante, mantendo-se por mais de quinze dias, passa a fugir às características dos delírios passionais.

Assim sendo, a saída encontrada por Lacan para explicar a natureza da cura vai buscar o que muda para a paciente depois que ela comete o atentado. O então jovem psiquiatra acredita que a paciente “realiza” seu castigo. Segundo Lacan, isso se revela de duas formas. De um lado, ela experimenta a companhia de outras delinqüentes que expressam opiniões cínicas sobre sua pessoa, além de vivenciar a desaprovação e o abandono dos seus familiares e próximos, com exceção apenas daqueles que como ela cometeram um delito e pelos quais ela sente repulsa. De outro lado, ele defende que ela agride a si mesma, o que se expressa pelos seus choros e a conseqüente queda do delírio, caracterizando, de acordo com Lacan, a satisfação da obsessão passional.

O passo seguinte de Lacan será o de buscar uma teorização que sustente sua compreensão deste caso. Como diz Philippe Julien, Lacan recorre a certos textos de Freud para poder explicar por que acredita que Aimée seja um caso de uma paranóia de autopunição (JULIEN, 1990). É na tese que Lacan promulga

esta nova entidade nosológica fazendo referência a textos de Freud que tratam especificamente da gênese do supereu.

Os textos selecionados da obra freudiana buscam sustentar a hipótese de Lacan segundo a qual os mecanismos psíquicos de autopunição teriam uma origem social. Esta origem estaria demarcada pela presença de sentimentos de culpa que expressariam a atitude subjetiva dos pacientes. Interessado em demonstrar a validade da sua hipótese, Lacan cita textos da segunda tópica freudiana que tratam da origem do supereu. É assim que ele recomenda a leitura de “O Eu e o Isso”,¹ pois esta é para ele a obra fundamental de Freud sobre a doutrina do supereu.

Seguindo a orientação formulada por Lacan, verifica-se que, de fato, Freud (1923), no terceiro capítulo de “O Eu e o Isso”, trabalha detalhadamente como se dá a formação do supereu. A investigação freudiana aí está fundada na análise dos sentimentos de culpa. Através de uma citação deste texto, é possível compreender o destaque dado por Lacan a este artigo na sua tese de psiquiatria. Logo, neste capítulo, Freud afirma que:

“A tensão entre as exigências da consciência e os sentimentos concretos do eu é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do eu. A religião, a moralidade e senso social foram originalmente uma só e mesma coisa. [...] Mesmo hoje os sentimentos sociais surgem no indivíduo como uma superestrutura construída sobre impulsos de rivalidade ciumenta contra seus irmãos e irmãs. Visto que a hostilidade não pode ser satisfeita, desenvolveu-se uma identificação com o rival anterior.” (FREUD, 1923/ 1969, p. 52)

Freud continua seu texto retomando o artigo “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”, de 1922, que é também citado por Lacan, na tese. Neste artigo de 1922, Freud examina os três graus do ciúme encontrados no trabalho analítico. Seriam eles: o ciúme competitivo ou normal, o projetado, e o delirante. Em 1923, ele retoma sucintamente o que tinha declarado um ano antes.

“O estudo de casos brandos de homossexualidade confirma a suspeita de que também neste caso a identificação constitui substituto de uma escolha objeto afetiva que ocupou o lugar da atitude hostil, agressiva.” (FREUD, 1923/1969, p. 52)

¹ Buscando uniformizar as referências, optou-se por chamar “ego” de “eu”, “superego” de “supereu” e “ça” de “isso”.

Uma passagem do texto “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo” revela a relação feita por Freud, nesta época, entre ciúme, rivalidade, homossexualismo e sentimento social, e esclarece os motivos que levaram Lacan a fazer referência a este texto.

“É bem conhecido que um bom número de homossexuais se caracteriza por um desenvolvimento especial de seus impulsos instintuais sociais e, por sua devoção aos interesses da comunidade. [...], contudo, o fato de a escolha homossexual de objeto não sem freqüência provir de um anterior sobrepujamento da rivalidade com os homens não pode passar sem relação com a vinculação entre homossexualismo e o sentimento social.” (FREUD, 1922/ 1969, p. 281)

A citação acima explica ainda porque Lacan, ao referir-se a este texto, considera-o como sendo um trabalho tanto sociológico como clínico, que ilustra a “gênese dos instintos sociais”. No entanto, baseando-se também na teoria do desenvolvimento da libido, elaborada por Karl Abraham (1916), Lacan trabalhará a questão social partindo do pressuposto da existência de uma fixação da libido em objetos fraternos. Nesta perspectiva, outro trecho de “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo” demonstra como Lacan busca nos textos de Freud elementos para sustentar a tese de uma origem social nos mecanismos psíquicos da paranóia de autopunição.

“Sabendo que, no paranóico, é exatamente a pessoa mais amada de seu próprio sexo que se torna seu perseguidor, surge a questão de saber onde essa inversão de afeto se origina. Não se precisa ir longe para buscar a resposta: a sempre presente ambivalência de sentimento fornece-lhe a fonte e a não-realização de sua reivindicação de amor a fortalece.” (FREUD, 1922/ 1969, p. 275)

A leitura deste texto realizada por Lacan possibilitará a ele compreender a origem da inversão de afeto presente na psicose paranóica. De fato, durante uma entrevista, Lacan declara em 1933 que, na elaboração da sua tese, ele considerava a “noção dinâmica das tensões sociais” como primordiais e explicativas da paranóia. Afirma ainda que, para ele, seriam o equilíbrio ou a ruptura das tensões sociais que poderiam definir a personalidade do paciente. Deixa claro então a relevância do aporte freudiano para suas elaborações, pois relata que foi tomando por base o “texto admirável” de Freud de 1922 que pôde identificar a condição primordial das tensões sociais. Dito de outro modo, partindo das contribuições acerca das fixações amorosas existentes no complexo fraterno relatadas por Freud em “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”, Lacan interpreta que a hosti-

lidade primitiva entre os irmãos estaria na base de uma inversão anormal, que transformaria hostilidade em desejo, desejo de ser como o objeto que está no lugar do ideal do eu.

Lacan faz referência a outros textos de Freud. Entre eles, cabe salientar aqueles que desempenharam um papel importante para a explicitação da hipótese dos mecanismos psíquicos de autopunição. Deste ponto de vista, tanto “Luto e melancolia” (1915a/1969) como “O problema econômico do masoquismo” (1924/1969) devem ser colocados em destaque, uma vez que, em 1924, Freud vai propor os termos “necessidade de punição” no lugar de “sentimento inconsciente de culpabilidade”. Para Freud, neste momento preciso de sua obra, a necessidade de punição expressaria uma exigência legal de sanção. Com efeito, percebe-se que, nas últimas citações feitas a Freud, Lacan apóia-se na conceitualização freudiana das neuroses de autopunição para circunscrever o caráter autopunitivo da paranóia.

Nesta ocasião, Lacan acredita que a análise dos determinantes autopunitivos e a teoria da gênese do supereu que ela fomentou representam na teoria psicanalítica uma síntese superior e nova (LACAN, 1932/1987). Apoiando-se nisto e buscando meios para sustentar sua nova entidade nosológica, ele afirma que a análise das correlações objetivas ou subjetivas permite demonstrar que os mecanismos psíquicos de autopunição têm uma origem social. A partir deste momento, ele empenhar-se-á em saber se o valor patogênico de uma fixação pode ser aproximado do de uma constituição. Logo, ele prolongará o exame da origem social da paranóia, examinando a fixação da libido no complexo fraterno enquanto condição primordial das “tensões sociais”.

É surpreendente que Lacan, tendo explorado a origem social da paranóia, cite apenas de passagem o texto de Freud “Psicologia das massas e análise do Eu” e abstenha-se de trabalhá-lo com maior afinco. Tal evidência causa surpresa, pois não são poucos os textos em que Freud fala do social, e é neste especificamente que, trabalhando o conceito de identificação, ele demonstra que o contraste entre a psicologia individual e a psicologia social perde sua importância, dado ao fato de que, invariavelmente, algo mais está envolvido na vida mental do indivíduo, seja como um modelo, um objeto, um adversário, de modo que, desde o começo, toda psicologia individual é, ao mesmo tempo, também uma psicologia social (FREUD, 1921/1969).

Por intermédio de uma leitura cronológica dos textos de Freud, constata-se que, a partir de *Totem e tabu* (1913), ele constrói artigos nos quais a temática gira em torno da terapêutica do sujeito e dos transtornos do mesmo na sua relação com o mundo. Neste sentido, serão os distúrbios identificatórios postos em relevo. Logo, o texto sobre a psicologia das massas vai tentar esclarecer a origem do instinto social, pontuando que o primórdio de sua evolução pode estar

associado a “um círculo mais estreito, como o da família” (FREUD, 1921/1969, p. 92). Será então através do exame do papel da identificação na história primitiva do complexo de Édipo que Freud reunirá elementos para a compreensão da sintomatologia apresentada pelos pacientes que muitas vezes dificulta o relacionamento destes sujeitos com o mundo.

Na tese, Lacan fornece material que ilustra os transtornos no nível da identificação, sofridos pela paciente. Entretanto, a noção de identificação será explorada apenas de relance no que toca ao seu interesse em evidenciar o caráter autopunitivo característico da psicose paranóica. Com efeito, Lacan revela estar mais preocupado em demonstrar que o paranóico, ao cometer um crime, conhece a lei que transgride, do que em analisar os transtornos identificatórios de Aimée que comprovam a tese freudiana de que “o eu não é o senhor da sua própria casa” (FREUD, 1917a/1969). Cabe então entender quais os critérios da seleção dos textos de Freud trabalhados por Lacan em sua tese.

Em “De nossos antecedentes”, Lacan indica como ele “desemboca” em Freud. Segundo Lacan, é por intermédio de Alexander e Staub que chega a Freud (LACAN, 1966/1988). Neste sentido, é sob a influência de Alexander, ou seja, influenciado pelos trabalhos sobre autopunição da criminologia berlinense, que Lacan orientará seus estudos em torno da discussão acerca do supereu e da autopunição.

Elisabeth Roudinesco admite que, estando Lacan interessado na gênese do supereu, ele tomará Freud por um viés acadêmico, no qual a obra freudiana está associada ao eu, às resistências e aos mecanismos de defesa (ROUDINESCO, 1993). A afirmação desta autora torna compreensível o motivo por que Lacan faz referência aos trabalhos de Anna Freud sobre o papel do ambiente na patologia infantil e de Ernest Jones acerca da tendência autopunitiva do supereu. Estas referências, de acordo com Tendlarz (1989), coincidem com a hipótese lacaniana da ação do meio social sobre o indivíduo.

Estas bases teóricas contribuíram para que Lacan declarasse, na tese, que o tratamento das psicoses torna mais necessária uma psicanálise do eu do que uma psicanálise do inconsciente. Neste momento, ele apóia-se na idéia segundo a qual o estudo das resistências poderia fornecer novos manejos terapêuticos que poderiam ajudar a encontrar soluções técnicas para os impasses vividos na clínica das psicoses.

Como é sabido, Lacan inicia sua clínica atendendo casos de psicose. Ainda não exercendo a psicanálise e tendo começado sua análise pessoal somente no ano em que publica sua tese, Lacan afirma, nesta ocasião, ter como único mestre em psiquiatria Clérambault. Entretanto, ele não será partidário das idéias defendidas por seu mestre sobre uma natureza constitutiva da doença mental nem tampouco sobre o automatismo mental.

Na terceira parte da tese, Lacan, afirmando não pretender retomar a crítica das hipóteses usadas até então no estudo das psicoses paranóicas, apresenta as conclusões a que chegou através do seu trabalho. Assim sendo, a conclusão da tese é guiada por uma pergunta inicial que ele se propõe a responder. A questão é formulada assim: “a psicose, com efeito, é determinada por uma *constituição?*” (LACAN, 1932/1987, p. 314).

Para Lacan, a resposta a esta indagação só pode ser formulada através da apresentação de uma característica concreta ao quadro clínico estudado. Tendo este objetivo, ele afirma ter deixado de lado as hipóteses sobre a psicose paranóica que desconhecem o que há de mais simples a compreender nestes casos. A compreensão almejada por Lacan busca dar um sentido humano às condutas que são passíveis de observação nos pacientes; entre elas, cita os fenômenos mentais trazidos pelos mesmos. O entendimento do propósito almejado por Lacan poderá ser esclarecido por intermédio da análise do que ele consegue construir em torno do caso Aimée.

Quando encontra a paciente pela primeira vez, ela apresenta um histórico de internamento psiquiátrico de dez anos, período que teve início quando estava grávida. Durante todo este tempo, Aimée mostra-se num estado depressivo, acompanhado por interpretações delirantes sobre temas de perseguição associados a idéias de ciúme e prejuízo contra sua pessoa. Lacan relata o quadro apresentado por Aimée durante a gravidez:

“As conversas de seus colegas parecem, então, visá-la: eles criticam suas ações de maneira desagradável, caluniam sua conduta e lhe predizem infortúnios. Na rua, os transeuntes sussurram a seu respeito e lhe demonstram desprezo. Reconhece nos jornais alusões dirigidas contra ela.” (LACAN, 1932/1987, p. 155)

Ainda, de acordo com Lacan, Aimée teria repetido para si mesma a pergunta: “Por que fazem isso comigo? Eles querem a morte de meu filho. Se esta criança não viver, eles serão responsáveis” (LACAN, 1932/1987, p. 155-156).

Aimée dá à luz uma menina que nasce morta. Atordoada pelos delírios de perseguição, ela acusa uma amiga de longa data de ser a responsável pelo infortúnio. Esta amiga, depois de um longo período sem dar notícias, sabendo que Aimée teve criança, telefona buscando retomar o contato. Logo, é em torno desta amiga que um primeiro perseguidor cristaliza-se.

Pouco tempo depois, Aimée fica novamente grávida. E, mais uma vez, apresenta um quadro depressivo. Segundo Aimée, em cada gravidez ela ficava triste e seu marido censurava suas melancolias; além disso, também se mantinham as interpretações delirantes. Desta segunda gravidez, nasce um menino ao qual ela será a única a dedicar-se durante os cinco primeiros meses, pois acredita que todos ameaçam seu filho.

Paralelamente aos delírios de perseguição, há evidências de delírios de grandeza. Tendo certeza de que o futuro lhe reserva o destino de uma grande romancista, Aimée entrega seu filho aos cuidados de sua irmã mais velha, que é viúva. Esta vem morar na casa de Aimée para auxiliá-la nas atividades domésticas, que ela executa com dificuldade. A partir daí, Lacan formula uma descrição das perseguidoras.

Ele defende que elas são sucessivas “tiragens” de um protótipo, tendo esse protótipo um duplo valor afetivo e representativo (LACAN, 1932/1987, p. 253). De acordo com Lacan, esse protótipo instaura-se em razão do poder afetivo que ele tem na vida da Aimée. Nesta perspectiva, esse protótipo ou modelo é representado por Elise, a irmã mais velha de Aimée. Para Lacan, o fato de esta irmã ter um papel muito importante na vida afetiva de Aimée explica por que esta última não entra diretamente em confronto com ela. Ele explica isso com maiores detalhes na seguinte passagem:

“Não é, com efeito, dos elogios e da autoridade que lhe são conferidos pelos que a cercam que sua irmã vai tirar sua principal força contra Aimée, é da própria consciência de Aimée. Aimée reconhecia por seu valor as qualidades, as virtudes, os esforços de sua irmã. Ela é dominada por ela, que lhe representa sob um certo ângulo a imagem mesma do ser que ela é impotente para realizar.” (LACAN, 1932/1987, p. 231)

Lacan pontua dois momentos distintos na fala de Aimée em relação à sua irmã. Se, por um lado, Aimée se felicita por sua irmã cuidar do seu filho, afastando-o da severidade do pai; no momento em que dá livre curso às suas associações, o seu dizer aponta para o fato de ela suportar mal o lugar que Elise passa a ocupar na educação de seu filho. É desta divisão subjetiva que Lacan extrai o tema em torno do qual se forma o delírio.

Constata-se assim que, apesar de não realizar uma psicanálise neste caso, Lacan através da sua escuta pôde demarcar escansões na fala de Aimée que lhe revelaram o tema central do delírio. De fato, a escuta de Lacan, neste caso, aponta para a necessidade de respeitar o preceito freudiano de que no inconsciente não há contradição ou negação (FREUD, 1915b/1969). Logo, a livre associação de Aimée é tomada por Lacan como:

“A confissão do que é tão rigorosamente negado, a saber, no caso presente, da queixa que Aimée imputa à sua irmã por ter raptado seu filho, queixa em que é surpreendente reconhecer o tema que sistematizou o delírio.” (LACAN, 1932/1987, p. 232)

Lacan busca, assim, explicitar sua formulação acerca da sistematização do delírio em Aimée. Com este intuito, ele alerta para o fato de que a formalização do delírio de perseguição manifesta-se pela primeira vez na pessoa da antiga amiga de Aimée. As circunstâncias em que isto acontece servem a Lacan para exemplificar suas elaborações. Aimée estando deprimida durante a gravidez, fica mais abalada ainda ao dar à luz um bebê natimorto. Pouco depois recebe um telefonema de sua antiga amiga. Logo, a explosão de ódio contra a Senhorita C. de la N. acontece, de acordo com Lacan, justamente quando Aimée fracassa no seu desejo de ser mãe. Para ele, neste momento, Aimée perde por completo suas esperanças de realizar seu “destino de mulher”, uma vez que ela já havia demonstrado dificuldades para as atividades domésticas e agora não poderia ser mãe.

Lacan defende, então, a existência de uma relação mais profunda entre a pessoa na qual sistematiza-se a primeira perseguidora e o conflito moral de amor e ódio que Aimée vive com a irmã. Conclui que a amiga tomada por perseguidora representa ao mesmo tempo a amiga querida e a pessoa dominadora da qual ela tem inveja; esta é, na verdade, uma substituta da irmã. Lacan declara que a Senhorita representa a adaptação e a superioridade para com seu meio, sendo também um objeto invejado por Aimée. Desse modo, seguindo os traços dos sentimentos ambivalentes, presentes na inveja, Lacan chega à identificação. Estaria a identificação associada aí à causalidade psíquica? Estaria a identificação vinculada à constituição psicótica? A maneira como ele vai tratar a identificação no caso Aimée poderá responder a estas questões.

Constata-se que, mesmo sem citar *A interpretação dos sonhos* (1900), mais explicitamente o sonho do salmão defumado de uma paciente de Freud, mas seguindo a lógica freudiana, Lacan chega ao mecanismo da identificação presente nos sentimentos ambivalentes da inveja. Para ele, tanto a amiga como a irmã mais velha são tomadas por objetos de “íntima” inveja de Aimée, isto porque, para Lacan, a inveja considerada como um sentimento ambivalente denota a presença da identificação. A partir daí, ele deduz um “valor representativo” para as séries de perseguidoras de Aimée.

“Mulheres de letras, atrizes, mulheres do mundo, elas representam a imagem que Aimée concebe da mulher que, em algum grau, goza da liberdade e do poder social. Mas aí explode a identidade imaginária dos temas de grandeza e dos temas de perseguição: este tipo de mulher é exatamente o que ela sonha se tornar. A mesma imagem que representa seu ideal é também o objeto de seu ódio.” (LACAN, 1932/1987, p. 254)

Esta formulação de Lacan se aproxima em muito da que ele passa a trabalhar, nos anos 40, acerca da causalidade psíquica. Na realidade, desde meados dos anos 30, quando do texto sobre o estádio do espelho, Lacan põe em destaque a função da imagem na captação identificatória à qual o sujeito está submetido pela imagem do outro.

Pode-se afirmar que, na tese, encontram-se as bases sobre as quais Lacan constrói as formulações acerca da causalidade psíquica definida em termos de identificação; contudo, ele aí ainda não as explora neste sentido. Na última citação, assim como em ao menos uma outra passagem do texto de 1932, Lacan pontua o papel da imagem no caso Aimée. Ele diz então: “Compreendemos agora qual é o obstáculo de vidro que faz com que ela não possa nunca saber, ainda que o grite, que todas essas perseguidoras, ela as ama: elas são apenas imagens” (LACAN, 1932/1987, p. 297).

Com efeito, a frase da tese acima referida, aproxima-se bastante da “fórmula geral da loucura” que Lacan, em 1946, baseando-se em Hegel, vai propor como estando na constituição de todo sujeito (LACAN, 1946/1966, p. 173). Esta fórmula demonstra como o desenvolvimento dialético do ser humano se realiza sempre numa identificação sem mediação com o que o sujeito tem de melhor e, tal qual o caso Aimée, trata-se de uma identificação ideal em que a agressividade está presente.

Voltando à tese, é possível inferir que Lacan, buscando responder à questão: se a psicose seria determinada por uma constituição, passe a analisar as identificações explicativas ou mnêmicas pontuadas por ele no caso clínico. Neste sentido, ele defende que a imprecisão lógica do delírio tem importância na medida em que o delírio pode ser tomado como tendo um valor de realidade. Aqui, mais uma vez, Lacan é freudiano, pois ele reafirma que é a realidade psíquica que interessa e não a realidade material, apesar de não citar o texto de Freud sobre “Os caminhos da formação dos sintomas” (FREUD, 1917b/1969). Logo, o delírio, em seu valor de realidade, diz Lacan, “exprime claramente as tendências psíquicas de que só a expressão lógica normal é recalcada” (LACAN, 1932/1987, p. 299).

Partindo do princípio defendido por Colette Soler (1986) de que as identificações são denunciadas ao longo de um processo analítico, pode-se entender, conforme a citação que segue, o valor dado por Lacan às identificações explicativas ou mnêmicas.

“Ele diz, então, que mesmo que as identificações explicativas ou mnêmicas sejam posteriores aos distúrbios iniciais do delírio e racionalmente ilusórias, nem por isso estão menos em uma relação constante com o complexo ou o conflito, de natureza ético-sexual, e gerador do delírio.” (LACAN, 1932/1987, p. 299)

É prudente salientar que, mesmo antes, quando discute o diagnóstico, prognóstico, profilaxia e tratamento da paranóia de autopunição, Lacan já tinha demarcado o papel das identificações sistemáticas, explicativas ou mnêmicas.

“Não se teria absolutamente razão para considerar a priori as primeiras identificações sistemáticas do delírio como puramente secundárias a esses fenômenos. Ainda que estas identificações, explicativas ou mnêmicas, sejam posteriores aos fenômenos ditos primários e ao período de inquietude que os acompanha, elas têm frequentemente a relação mais direta com o conflito e com os complexos realmente geradores do delírio.” (LACAN, 1932/1987, p. 274)

A partir destas citações, pode-se compreender como a tese fundamenta as elaborações seguintes de Lacan acerca da relação entre a causalidade psíquica e a identificação. De fato, o caso Aimée ilustra o que Lacan vem a estabelecer como sendo a função da imago na causalidade psíquica dos sujeitos.

“A história do sujeito desenvolve-se numa série mais ou menos típica de identificações ideais que representam os mais puros dentre os fenômenos psíquicos por eles revelarem essencialmente a função da imago. E não concebemos o Eu senão como um sistema central dessas formações, sistema que é preciso compreender, à semelhança delas, na estrutura imaginária e em seu valor libidinal.” (LACAN, 1946/1966, p. 179)

Porém, em 1932, Lacan tomará a causalidade psíquica por um outro viés. Como já foi dito anteriormente, baseando-se em Karl Abraham, Lacan defende que a gênese da psicose está fundada no conflito moral de Aimée com sua irmã. Logo, ele vai trabalhar este caso à luz de uma fixação no complexo fraterno, que justificaria a existência de uma fixação na gênese do supereu. Assim, a compreensão da identificação interativa serve a Lacan para explicar o processo pelo qual Aimée transfere para as mais diferentes pessoas sua ambivalência afetiva. Contudo, baseando-se na afirmação de Colette Soler de que as identificações são denunciadas ao longo do tratamento, compreende-se por que Lacan sublinha que o processo envolvido na identificação interativa é um esforço abortado de Aimée para se liberar de sua fixação primeira. Para ele:

“Se, no curso de seu delírio, Aimée transfere para várias cabeças sucessivas as acusações de seu ódio amoroso, é por um esforço para se liberar de sua fixação primeira, embora este esforço seja abortado: cada uma das perseguidoras não é verdadeiramente nada mais que uma nova imagem, sempre inteiramente prisioneira do narcisismo, desta irmã da qual nossa doente fez seu ideal.” (LACAN, 1932/1987, p. 389)

Já no texto “Formulações sobre a causalidade psíquica” de 1946, Lacan apóia-se na estrutura geral de desconhecimento manifestada perfeitamente em Aimée, para propor a universalidade da loucura, expressa em termos de identificação, como estando no cerne de todo sujeito. Na passagem abaixo, trata especificamente disso.

“Esse desconhecimento revela-se na revolta com que o louco quer impor a lei de seu coração ao que lhe afigura como sendo a desordem do mundo, iniciativa insensata, [...] dizia eu, basicamente porque o sujeito não reconhece nessa desordem do mundo a própria manifestação de seu ser atual, nem que o que ele sente como lei de seu coração é apenas a imagem invertida quanto virtual desse mesmo ser. Ele desconhece duplamente, portanto, e precisamente por separar a atualidade da virtualidade. Ora, ele só pode escapar dessa atualidade através dessa virtualidade. Assim seu ser está encerrado num círculo, a menos que ele o rompa por alguma violência.

Tal é a fórmula geral da loucura que encontramos em Hegel, pois não creiam que estou inovando, ainda que tenha tomado o cuidado de apresentá-la a vocês de forma ilustrada. Digo “fórmula geral da loucura” no sentido de que podemos vê-la aplicar-se particularmente a qualquer uma das fases pelas quais se realiza mais ou menos, em cada destino, o desenvolvimento dialético do ser humano, e de que ela sempre se realiza ali como uma estase do ser, numa identificação ideal que caracteriza esse ponto de um destino particular.” (LACAN, 1946/1966, p. 172-173)

Entretanto, na tese de psiquiatria, como afirma Borch-Jacobsen (1995), Lacan faz eco aos estudos de Georges Politzer, admitindo assim que o paranóico que comete um crime conhece a lei que transgride. Ao retomar o caso Aimée, quando vai tratar do crime das irmãs Papin, Lacan dá mostras do quanto está influenciado por Politzer.

“A pulsão agressiva, que se resolve no assassinato, aparece assim como uma afecção que serve de base à psicose. [...] Mas a pulsão está marcada em si mesma de relatividade social: ela tem sempre a intencionalidade de um crime, quase constantemente a de uma vingança, freqüentemente o sentido de uma punição, isto é, de uma sanção oriunda dos ideais sociais, muitas vezes, enfim, ela se identifica com o ato da moralidade, tem o alcance de uma expiação (autopunição).” (LACAN, 1933/1987, p.392)

Efetivamente, a orientação de Lacan nestes dois períodos difere bastante, porém ocorre um intercruzamento. Na tese, a ambivalência afetiva de Aimée dirigida contra a sua irmã é entendida como condição primordial das tensões

sociais que guiará toda a hipótese de Lacan sobre o comportamento autopunitivo de Aimée. Com isso, ele defende que esta fixação no complexo fraterno deve ser ultrapassada para que Aimée possa aceder a uma moralidade socialmente eficaz. No entanto, todo o esforço de Aimée em deslocar para outras mulheres o estatuto de perseguidora só faz confirmar que ela se encontra presa no complexo fraterno. Nos anos 30, baseando-se no caso Aimée, ele vai nomear o transtorno experimentado pelos paranóicos como o “mal de ser dois” e afirmar que ele se faz acompanhar da necessidade de punição (LACAN, 1933/1987, p. 397). Isto viria então evidenciar que a natureza da cura demonstra a natureza da doença.

Deste modo, Lacan consegue os subsídios necessários para propor que Aimée seja considerada um caso de paranóia de autopunição. Ele demonstra que, atacando a rival que ela inveja, Aimée pune a si própria. Assim, “pelo mesmo golpe que a torna culpada diante da lei, Aimée atinge a si mesma, e, quando ela o compreende, sente então a satisfação do desejo realizado: o delírio, tornado inútil, se desvanece” (LACAN, 1932/1987, p. 254).

Comprova-se que, no decorrer da tese, o conceito de identificação é de início e de uma maneira precisa levado em consideração, porém ele é posto de lado quando Lacan trata da nova entidade nosológica. Em outras palavras, se Lacan se dá conta do papel das identificações ditas explicativas ou mnêmicas no complexo formador do delírio, a causalidade psíquica não é ainda associada ao mecanismo da identificação.

Entretanto, a elaboração teórica de Lacan, em 1932, fornece as bases sobre as quais ele vai construir uma teoria da constituição do sujeito por identificação. Ogilvie (1993) sintetiza bem este momento da obra lacaniana.

“Como se constitui de início o sujeito humano, levando-se em conta sua ‘natureza’ particular de ser social? Lacan consagra os anos que seguem a Tese para a elaboração de uma resposta. Nós encontramos os elementos principalmente em dois textos: o artigo sobre ‘A família’ sendo o título original ‘Os complexos familiares na formação do indivíduo’ (1938), e o artigo intitulado ‘O estádio do espelho como formador da função do eu tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica’ (1949).” (OGILVIE, 1993, p. 86)

Ainda, de acordo com este mesmo autor, se compararmos os dois títulos, é possível extrair deles o trabalho ao qual Lacan vai se dedicar nos anos seguintes. Tendo dado por resolvida a tentativa de provar a origem social da paranóia de autopunição na sua tese, Lacan delimitará seu campo de investigação ao aspecto psíquico da questão; este objetivo fará com que ele deixe de lado toda a preocupação de ordem “sociológica” que o orientou durante a tese.

Os textos escritos entre 1938 e 1949, já pelos seus títulos, anunciam ser o momento propício para Lacan elaborar aquilo que havia recolhido da sua tese. Tanto em 1946, com “Formulações sobre a causalidade psíquica”, como em 1948, com “Agressividade em psicanálise”, Lacan vai desdobrar certos aspectos clínicos da sua tese sobre a psicose paranóica. Interessando-se pela gênese do eu, Lacan, por intermédio do estádio do espelho, vai definir o eu como tendo uma estrutura paranóica, revertendo assim a idéia de tensão social tal qual ela foi entendida na tese para a de uma tensão entre o eu e o outro, semelhante, adversário, modelo.

Por fim, constata-se que, por ser freudiano, Lacan pôde dentro de um tempo lógico compreender a importância da afirmação de Freud em 1921, segundo a qual a psicologia individual, num sentido ampliado e inteiramente justificável, é também uma psicologia social. Tal entendimento foi fundamental para ampliar os conhecimentos adquiridos na tese no sentido da formalização de uma teoria da constituição do sujeito por identificação.

Recebido em 15/9/2001. Aprovado em 21/11/2001.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, K. “Examen de l'étape la plus precoce du développement de la libido” (1916), in *Oeuvres complètes II*, Paris, Payot, 1965, p. 11-34.
- BORCH-JACOBSEN, M. *Lacan. Le maître absolu*. Paris, Flammarion, 1995.
- FREUD, S. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
- “A interpretação dos sonhos”, 1900, v. IV e V, p.1-725.
- “Totem e Tabu”, 1913, v. XIII, p. 17-194.
- “Luto e melancolia”, 1915a, v. XIV, p. 271-291.
- “O inconsciente”, 1915b, v. XIV, p. 185-245.
- “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, 1917a, v. XVII, p. 171-179.
- “Os caminhos da formação dos sintomas”, 1917b, v. XVI, p. 419-439.
- “Psicologia de grupo e análise do ego”, 1921, v. XVIII, p. 89-179.
- “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”, 1922, v. XVIII, p. 269-281.
- “O ego e o id”, 1923, v. XIX, p. 23-89.
- “O problema econômico do masoquismo”, 1924, v. XIX, p.197-212.
- JULIEN, P. *Pour lire Jacques Lacan*, Paris, Epel, 1990.

- LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1932/1987.
- _____. "Motivos do crime paranóico: o crime das irmãs Papin", in *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1933/1987.
- _____. "Formulações sobre a causalidade psíquica", in *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1946/ 1966.
- _____. "Agressividade em psicanálise", in *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1948/1966.
- _____. "De nossos antecedentes", in *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
- LEGUIL, F. "Lacan avec et contra Jaspers", in *Ornica? Revue du Champ Freudien*, 48, Paris, Navarin, 1989, p. 5-23.
- OLGIVIE, B. *Lacan. le sujet*, Paris, PUF, 1993.
- ROUDINESCO, E., *Jacques Lacar. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée*, Paris, Fayard, 1993.
- SOLER, C. "Identification et interprétation", in *Actes de l'Ecole de la Cause Freudienne*, XI, Paris, Navarin, 1986, p. 146-148.
- TENDLARZ, S. "L'auto-punition dans le cas Aimée", in *Quarto*, 33/34, Bélgica, 1989, p. 28-31.

Andréa Hortélio Fernandes
Rua Rio São Pedro, 24 ap. 501
40150-350 Salvador BA
E-mail: ahfernandes@zaz.com.br